e-ISSN: 2177-8183

A ALFABETIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOCENTE

LITERACY IN THE POST-PANDEMIC PERIOD: *AN ANALYSIS OF TEACHERS' PERCEPTION*

ALFABETIZACIÓN POSPANDÉMICA: *UN ANÁLISIS DE LA PERCEPCIÓN DOCENTE*

Alex Junior Bilhoto Faria
alexbilhoto@gmail.com
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (PPGE/UFLA)

Karoline Laís de Souza
karoline.souza1@alunos.unis.edu.br
Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Sul de Minas (Grupo Unis)

RESUMO

Este artigo teve como finalidade mapear a prática docente de professores alfabetizadores e de professores que lecionam no 4° e 5° anos do ensino fundamental, a fim de observar quais foram os impactos causados pela pandemia da Covid-19 e como isso tem se refletido nas atividades em sala de aula. Ainda, buscou-se observar como tem sido o retorno às aulas presenciais após o período de dois anos de ensino remoto e suas dificuldades diárias, sejam elas causadas pela pandemia ou por outras razões. Para conhecer a realidade vivenciada diariamente pelos docentes, a metodologia da pesquisa se divide em etapas, sendo elas: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, entrevistas e elaboração e análise dos dados. As observações foram realizadas na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, em três instituições: estadual, municipal e privada. Conforme a perspectiva de Mainardes (2021), durante o período pandêmico, o ensino remoto emergencial foi a alternativa proposta pelo sistema de ensino, no entanto, de diferentes formas em cada rede de ensino. Consequentemente, os impactos não foram os mesmos. Atualmente, inúmeros foram os desafios apresentados independente da instituição. No entanto, as defasagens mais significativas e os impasses na prática docente se concentraram predominantemente na escola Estadual. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir com o campo de discussão sobre alfabetização e da formação de docentes alfabetizadores.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Palavras-chave: Docentes. Alfabetização. Pós-pandemia. Defasagem. Desafios.

ABSTRACT

The purpose of this article was to map the instructional practices of literacy teachers and those teaching 4th and 5th grades of elementary school, in order to observe the impacts caused by the Covid-19 pandemic and how these have been reflected in classroom activities. This study also aimed to investigate the return to face-to-face classes after two years of remote teaching and the daily challenges faced by teachers, whether resulting from the pandemic or other factors. To understand the reality experienced by teachers, the research methodology was divided into stages: bibliographical research, field research, interviews, and data analysis. Observations were conducted in the city of Pouso Alegre, Minas Gerais, across three types of institutions: state, municipal, and private. According to Mainardes (2021), during the pandemic, emergency remote education was the alternative proposed by the education system, though implemented differently across school networks. Consequently, the impacts were not uniform. Currently, numerous challenges exist regardless of the institution; however, the most significant gaps and impasses in teaching practice were predominantly concentrated in state schools. This research hopes to contribute to the field of discussion on literacy and the professional development of literacy teachers.

Keywords: Teachers. Literacy. Post-pandemic. Learning gaps. Challenges.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es mapear la práctica docente de los profesores alfabetizadores y de aquellos que imparten clases en el 4º y 5º año de educación primaria, con el fin de observar las repercusiones causadas por la pandemia de Covid-19 e identificar cómo estas se han reflejado en las actividades del aula. También se buscó investigar el regreso a las clases presenciales tras dos años de enseñanza a distancia y las dificultades cotidianas enfrentadas, ya sean derivadas de la pandemia o de otros factores. Para conocer la realidad que viven a diario los docentes, la metodología de investigación se dividió en etapas: investigación bibliográfica, investigación de campo, entrevistas y análisis de datos. Las observaciones se realizaron en la ciudad de Pouso Alegre, Minas Gerais, en tres tipos de instituciones: estatal, municipal y privada. Según Mainardes (2021), durante la pandemia, la educación a distancia de emergencia fue la alternativa propuesta por el sistema educativo, aunque se implementó de forma distinta en cada red escolar. En consecuencia, los impactos no fueron uniformes. En la actualidad, los desafíos son numerosos, independientemente de la institución; sin embargo, las lagunas e

e-ISSN: 2177-8183

impasses más significativos en la práctica docente se concentraron predominantemente en las escuelas estatales. Se espera que esta investigación contribuya al debate sobre la alfabetización y la formación de los profesores alfabetizadores.

Palabras clave: Profesores. Alfabetización. Pospandemia. Brechas de aprendizaje. Desafíos.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer os reflexos do impacto da pandemia da Covid-19 no processo de alfabetização, bem como a prática docente daqueles que atuam diretamente nos 1° e 2° anos, e de professores dos anos finais do ensino fundamental (4° e 5° anos) que, durante a pandemia, vivenciaram remotamente o processo de alfabetização.

A educação, de um modo geral, sentiu os efeitos da pandemia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, em diversas realidades, fato que não demonstra novidade para a presente discussão. No entanto, é válido considerar que os efeitos foram mais significativos no processo de alfabetização, assim como afirma Mainardes (2021), de que o fato de ainda não possuírem autonomia na leitura e escrita possibilita grandes limitações nas atividades em geral, e a alfabetização é um processo que demanda uma intensa mediação, sendo que durante o ensino remoto[1] precisou ser adaptado e realizado a distância. Durante esse período, foram encontrados inúmeros desafios por toda comunidade escolar, principalmente pelo fato de a principal ferramenta de ensino ter sido a tecnologia.

Sabemos que em diversas realidades o acesso não foi igual para todos e, assim, como afirma Cordeiro (2020) muitos educadores não possuíam uma formação necessária para utilizar tais ferramentas. Após dois anos, entende-se, portanto, para

[1]Entende-se, nesta pesquisa, que o ensino remoto se caracteriza pela adaptação das aulas presenciais, utilizando tecnologias de informação e comunicação (TICs) para estabelecer uma comunicação síncrona com os alunos. (Hodges, et al., 2020)

fins temporais como o ano de 2022 em diante, o ensino sistematizado é retomado no formato presencial. Diante do cenário de readaptação, é necessário conhecer as dificuldades que atualmente têm sido encontradas pelos professores e o combate às defasagens, sejam elas causadas pela pandemia ou por outras circunstâncias a serem ponderadas.

Dito isso, nesta pesquisa, foram realizadas observações nas redes estadual, municipal e privada, além de entrevistas com professores para debater como é, de fato, a realidade vivenciada pelos docentes, a fim de comparar os impactos na aprendizagem dos alunos e os desafios por eles encontrados.

A ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um processo significativo na vida do aluno, visto que ela é a base para a construção da trajetória educacional do educando, compreendido como o momento em que ele terá o entendimento das letras, palavras, desenvolvendo a habilidade de se comunicar e, consequentemente, uma melhor compreensão da sociedade, pois, uma vez alfabetizado, ele terá oportunidade de compreender melhor o mundo em que está inserido. Entretanto, é válido ressaltar que se deve considerar que o processo de alfabetização é contínuo, afinal, a criança possui inúmeros aprendizados e conhecimentos antes mesmo de iniciar esse processo de forma sistematizada dentro das escolas.

Segundo Ferreiro (1999, p.47), “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola, e que não termina ao finalizar a escola primária”. Na escola primária, acontece o processo de alfabetização sistematizado em que o docente utiliza estratégias, métodos, possui formação adequada para instruir e ensinar de forma mais adequada aos parâmetros formativos. Todavia, o aluno é um aprendiz antes e depois de iniciar esse processo. O Na educação infantil, inicia-se a pré-alfabetização, em que geralmente a criança tem o primeiro contato com as letras, rimas, adquire o conhecimento do alfabeto e o

letramento é estimulado. Soares (2004), portanto, defende a ideia de que alfabetização e letramento são processos indissociáveis, uma vez que:

> não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de* e *por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (Soares, 2004, p. 14).

Desse modo, pode-se considerar que a alfabetização e o letramento, na visão da autora, precisam caminhar juntos. Sendo assim, é necessário adotar práticas que fazem com que o aluno seja alfabetizado e letrado ao mesmo tempo.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) apresenta que todos os alunos sejam alfabetizados até o final do 3° ano do ensino fundamental. Entretanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta que o processo de alfabetização deve ser iniciado no 1° ano do ensino fundamental, no qual geralmente os alunos estão na faixa etária de seis anos de idade, e deve ocorrer até o 2° ano do ensino fundamental. Desse modo, para que esse processo ocorra de forma mais efetiva e o objetivo seja alcançado, faz-se necessário que o docente analise o contexto e as especificidades de cada aprendiz para saber qual será o método mais adequado.

Ao analisar o contexto histórico dos métodos, podemos considerar que até chegar aos estágios atuais, eles passaram por diversas mudanças. O primeiro método alfabetizador adotado foi o alfabético, também conhecido como soletração[2]. Ainda que seja histórico, apresenta inúmeras críticas, dado que é um método que utiliza muito a repetição e a memorização do aluno. Tratando-se da atualidade, no ano de 2019[3], Carlos Nadalim, que no referido ano foi secretário do Ministério da Educação (MEC),

[2]A base para a fundamentação dessa concepção encontra-se no artigo: Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização, da autora Onaide Schwartz Mendonça.
[3]Matéria publicada no dia 28 de outubro de 2019 pela Revista Gazeta do Povo.

CC BY

defendeu o método fônico como o mais eficaz para alfabetizar. Em contrapartida, há autores que não compactuam plenamente esse pensamento. Soares (2019), por sua vez, reconhece que o método fônico faz parte do processo de alfabetização, entretanto, não pode ser o único deles.

A PANDEMIA DA COVID-19 E A EDUCAÇÃO

Em março de 2020, iniciou-se a pandemia da Covid-19, propagando-se rapidamente no mundo todo: um vírus que até então não era conhecido pelos cientistas e pela sociedade em geral, amedrontou o mundo inteiro, levando a muitas mortes. Sobre ele apenas tínhamos como informação que existia uma rápida taxa de contaminação e transmissão, mas ainda não era de conhecimento quais seriam os tratamentos corretos e eficazes e não existiam vacinas para imunizar a sociedade.

Desse modo, a OMS (Organização Mundial de Saúde) realizou algumas recomendações que deveriam ser tomadas com o intuito de evitar as contaminações, a exemplo de evitar lugares aglomerados, estabelecer distanciamento físico, adotar uso de máscara, utilizar álcool em gel e outras medidas não farmacológicas. Em decorrência das recomendações e da gravidade da pandemia, em meados do mês de março daquele mesmo ano, para evitar riscos e contaminações, a educação teve que se adaptar e migrar para o ensino remoto. Essa mudança causou estranheza e inúmeros desafios para professores, gestores, alunos e famílias. As modificações no contexto educacional tiveram de acontecer rapidamente, para que o ano letivo pudesse continuar. Adotando, assim, a tecnologia como principal ferramenta de ensino. Durante esse período, as aulas aconteciam por meio de videoconferência, grupos no *WhatsApp* e conteúdo no *YouTube* de forma geral. Todas essas ferramentas didáticas dependiam do uso da tecnologia digital, o que fazia com que alunos que não possuíam acesso a essa tecnologia, não tivessem a oportunidade de acompanhar como os demais estudantes.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Como consequência dessas mudanças, houve um impacto significativo na educação como um todo. Em uma sociedade desigual na qual vivemos, não podemos considerar que todos os alunos tiveram o mesmo acesso aos conteúdos durante o período pandêmico. Sobre esta condição, Marcon (2020) declara: “os dados sobre acesso aos computadores e à internet nos domicílios brasileiros apresentados na Pesquisa TIC Domicílios (CGI.BR, 2019) são preocupantes e demonstram uma disparidade de acesso aos recursos tecnológicos”. (Marcon, 2020, 100)

Além do mais, há professores que, até então, tinham um contato muito superficial ou quase nenhum com a tecnologia, tornando, assim, um processo ainda mais complexo. Pouco se pensava em formações continuadas voltadas para o uso da tecnologia como ferramenta de ensino. Como afirma Cordeiro (2020, p. 10):

> nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira. (CORDEIRO, 2020, 10)

Dessa forma, é notório que surgiram inúmeros novos desafios no contexto educacional. A pandemia surpreendeu a todos, o que fez com que a educação não estivesse preparada para enfrentá-la em um curto período. A paralisação das atividades escolares, inicialmente, foi prevista para durar um intervalo de 15 dias. Contudo, estendeu-se por quase dois anos. Durante esse tempo, os professores tiveram que se adaptar, inovar, mudar estratégias, elaborar novas metodologias.

Além disso, grandes foram os desafios enfrentados pelos alunos, por ser um formato novo, sem a presença física do docente e, muitas vezes, sem o suporte da família, tornando um contexto ainda mais complexo. Durante esse período, na maioria dos casos, não houve retenção de alunos, o que fez com que mesmo não adquirindo o aprendizado necessário, o aluno seria aprovado no ano letivo. Logo, entendemos que passar por fases sem compreender o conteúdo que está sendo trabalhado ou

desenvolver habilidades mínimas necessárias acarreta defasagens a longo prazo, no processo de aprendizagem do educando.

ALFABETIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E AS DIFICULDADES DOCENTES

É fato que a pandemia impactou a educação como um todo, independente da série e da faixa etária do aprendiz. Contudo, podemos considerar que o impacto foi ainda maior no processo de alfabetização. Segundo Mainardes (2021), o fato de ainda não terem a autonomia para leitura e escrita traz limitações grandes e o processo de alfabetização requer uma mediação intensa e apropriada.

Sendo assim, para que esse processo ocorra de forma mais assertiva, é necessário que ele aconteça de modo sistematizado, que tenha uma mediação pedagógica com estímulos, orientação, direcionamento e assistência ao aprendiz. Durante o ensino remoto, as mediações tiveram que ser adaptadas, tendo em vista que não havia um contato direto com o professor. É importante ressaltar que, em diversos contextos não houve incentivo à leitura, à escrita, muitos não tiveram assistência e estímulos diários.

Embora inúmeras famílias se dedicaram a auxiliar, a minoria possuía o preparo adequado para esse processo. Como afirmam Freitas, Almeida e Fontenele (2023), é perceptível que muitas famílias não possuam condições socioeconômicas para dar suporte aos estudantes que precisam acompanhar as aulas remotas diariamente, o que torna o cenário ainda mais preocupante.

Além disso, durante as aulas *online*, a interação entre colegas e professores foi pouca ou nenhuma. Mainardes (2021) afirma que a sala de aula é um espaço de interação, troca, ajuda mútua. Nesse sentido, a alfabetização demanda um processo sistemático, intencional e planejado, e a escola é o espaço social encarregado dessa função. Em decorrência das escolas estarem temporariamente fechadas, não foi

possível proporcionar aos alunos essas experiências, para que eles tivessem um processo de alfabetização mais significativo. Com isso, uma parte dos estudantes foi prejudicada e apresentou inúmeras defasagens.

Professores alfabetizadores também encontraram numerosos desafios durante a pandemia. O ensino nas séries iniciais sempre foi presencial, dentro das instituições, com professores, alunos e demasiadas interações. Com a mudança para o formato *online*, os docentes tiveram que se adaptar e se reinventar, ora utilizando-se da tecnologia como ferramenta de ensino, na adoção de novas metodologias e no desenvolvimento de novos recursos, ora mediando o conhecimento em distanciamento dos alunos como um grande desafio. Além dos desafios relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, a Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF), também, aponta que:

> em torno de 85% dos professores da educação básica-da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental-são mulheres que, além de exercerem as atividades de docência (que neste momento vêm exigindo ampla reestruturação em sua dinâmica), precisam conciliar, mais ainda, o espaço privado da casa, bem como as demandas próprias da vida doméstica-familiar, com as demandas do trabalho. Essa situação causa uma sobrecarga imensa nos múltiplos papéis que essas professoras assumem de forma concomitante e em momento peculiar da vida social marcado por limites, temores e perdas em meio ao isolamento social (ABALF,2020, p.186)

Com o aumento da carga horária, surgimento de novas demandas, mudanças e adaptações de planejamentos, falta de recursos tanto tecnológicos quanto de materiais para realizar uma efetiva prática, os profissionais também tiveram que lidar com questões emocionais, tais como: medos, inseguranças e preocupações em geral. A falta de uma formação continuada impactou ainda mais esse período. Segundo Montenegro, Matos e Lima (2021)

> diante desse cenário, a formação de professores passou a ser questionada, pois muitos docentes não conseguiram se adaptar ao novo cenário, já que não sabiam fazer uso dos recursos tecnológicos necessários para o exercício de uma prática eficaz. (Montenegro, Matos e Lima, 2021, p.7)

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Antes do período pandêmico, pouco se pensava em formações continuadas voltadas ao uso da tecnologia, também é necessário ressaltar que nem todos os professores são nativos digitais[4]. Numerosos profissionais passaram a ter um contato maior com os meios digitais durante o Ensino Remoto Emergencial. Com isso, não se teve preparo e formação adequada para esses professores. Os docentes aprenderam na e com a prática.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para essa pesquisa de campo, foram realizadas observações em três escolas de diferentes segmentos, sendo elas: municipal, estadual e privada, no ensino fundamental, nos 1° e 2° anos e 4° e 5° anos. O objetivo norteador envolveu conhecer a prática docente, analisar os desafios, as atividades, o desempenho e as avaliações dos alunos.

Além das observações, também foram realizadas entrevistas estruturadas, com embasamento na metodologia defendida por Gil (2008), com professores, por meio do uso de questionários elaborados na ferramenta *Google* Formulários, contendo oito perguntas, sendo quatro discursivas (abertas) e quatro de múltipla escolha (fechadas).

No total, somaram-se 16 entrevistados, sendo 11 da rede municipal, 3 da rede estadual e 2 da instituição privada, divididos em 8 participantes que atuam no 1° e 2° anos, e 8 atuantes do 4° e 5° anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[4] Aqueles que desde o nascimento já possuíam a tecnologia e os recursos digitais presentes em sua vida; aqueles que desde o nascimento já possuíam a tecnologia e os recursos digitais presentes em sua vida.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

A pesquisa de campo, realizada em três redes de ensino: municipal, estadual e privada, desenvolveu-se com o intuito de conhecer as dificuldades dos docentes alfabetizadores e dos docentes dos anos finais do ensino fundamental (4° e 5° ano), no período de readaptação, após dois anos de ensino remoto.

Inicialmente, foi observado que o processo de alfabetização não tinha sido concluído no 2° ano do ensino fundamental, assim como orienta a BNCC (2018). Professores que lecionam no 4° e 5° anos ainda precisavam dar continuidade neste processo. Nas realidades observadas, foram encontrados alunos que ainda precisavam de atividades adaptadas para trabalharem na alfabetização. Principalmente na rede estadual, em que significativos são os números de alunos que se encontravam em defasagem e que ainda necessitavam de atividades a nível de 1° e 2° anos. Segundo a professora do 4° ano, em uma sala com 25 alunos, apenas 7 estavam no nível correspondente à série em que estavam matriculados.

Com isso, foi perceptível que, em muitas ocasiões, o docente tinha que elaborar inúmeras atividades adaptadas, o que contribuía para a sobrecarga de trabalho. Por conta das variadas diversidades de aprendizagem, o professor regente precisava encontrar estratégias para atender as especificidades de cada aluno, ou seja, que os alunos que estão de acordo com o ano/série em que estão matriculados tenham continuidade com os conteúdos. Entretanto, os educandos com defasagens também precisavam de suportes, como retomar os conteúdos em diversos momentos e realizar atividades que muitas vezes demandavam mais tempo.

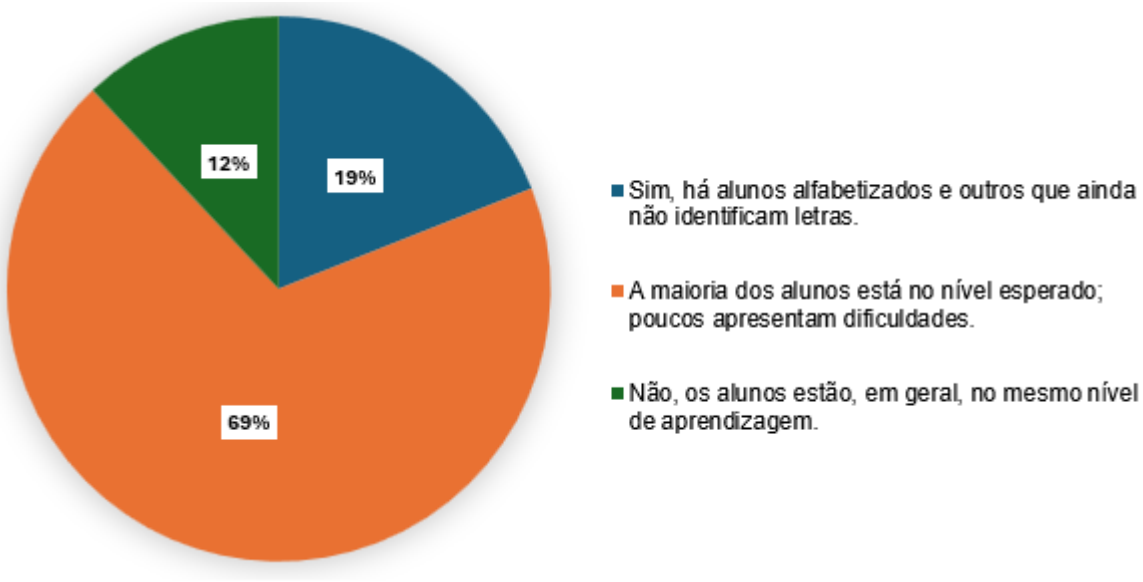
Seguindo o pensamento de Martinelli, Muelle-Zúñiga e Alves (2022), as salas de aulas são constituídas por uma grande diversidade de dificuldades encontradas e objetivos a serem alcançados. Essas circunstâncias nem sempre são positivas, elas podem provocar maior ou menor sucesso por parte do aluno e causar emoções que afetam a aprendizagem. Tendo essa ideia como base, os níveis de aprendizagem dos alunos também foram analisados. Na rede estadual, foi possível observar que as grandes diferenças de níveis de aprendizagem se encontravam, predominantemente, nos 4° e 5 ° anos. A rede de ensino que menos apresentava essas diferenças, nessas

e-ISSN: 2177-8183

séries, foi a rede municipal, onde os diferentes níveis estavam mais presentes no 1° e 2° anos. Na rede privada, de acordo com as habilidades e as dificuldades de cada aluno, a ampla maioria apresentava níveis de aprendizagem semelhantes.

Com o intuito de conhecer o posicionamento dos professores em relação a esse tema, durante a entrevista, foram realizados questionamentos que serviram de debates e reflexões a respeito da temática. Abaixo, é possível notar, em porcentagem, as respostas de docentes para o questionamento: **"Em sua prática, você tem encontrado diferentes níveis de aprendizagem na mesma sala?"**.

Gráfico 1 - Ponto de vista dos docentes sobre os diferentes níveis de aprendizagem



Fonte: elaborado pelos autores

Todas as entrevistadas da rede estadual marcaram a primeira opção, ao dizer que *sim*, há alunos que já estão alfabetizados e outros que ainda não identificam as letras. Na rede Municipal, todas as entrevistadas marcaram a segunda opção, dizendo que grande parte dos alunos está no nível esperado pela idade/série, são poucos os

e-ISSN: 2177-8183

que ainda estão encontrando dificuldades e todas as entrevistadas da rede privada marcaram a terceira opção. Dito isso, podemos considerar que os docentes que lecionam na rede estadual de ensino, com base nas entrevistas realizadas, são os que mais têm encontrado em sua prática diferentes níveis de aprendizagem.

Os métodos alfabetizadores utilizados durante as aulas também foram observados. Na rede municipal, utilizava-se apenas o método fônico, na rede estadual era utilizado apenas o método silábico. Essa prática de se utilizar somente um método alfabetizador, durante o processo de alfabetização, é contrária às ideias de Soares (2019). Afinal, para a autora, para que o processo de alfabetização seja mais eficaz, não se deve utilizar apenas um método alfabetizador. Na rede privada, não foi possível observar os métodos alfabetizadores sendo aplicados nas séries iniciais do ensino fundamental, uma vez que todos os alunos já estavam alfabetizados.

Os recursos utilizados na prática dos professores alfabetizadores das escolas estadual, municipal e privada são predominantemente recursos mais tradicionais, como folhas impressas e apostila. Pouco foi observado o uso de jogos, músicas e atividades diversificadas durante o processo de alfabetização. Para Piaget (1973), os jogos são tão importantes quanto as brincadeiras no processo de aprendizagem. Tal pensamento se assemelha à prática de uma professora do 2° ano da escola municipal. Ela utilizava, em suas aulas, diversos jogos, músicas, vídeos, *sussurrofone*[5]. Os alunos apresentavam uma melhor e mais significativa aprendizagem em relação aos alunos de outra sala, da mesma escola e da mesma série em que se utilizam apenas recursos mais tradicionais.

Nas três redes de ensino observadas, em séries e realidades diferentes, foi encontrado um ponto em comum que é o despreparo em lidar com alunos atípicos[6] . A maioria das docentes relatou que encontram dificuldades em instruir, ensinar e compreender esses educandos. O sentimento de tristeza, frustração e impotência foi

[5] Aparelho que tem a aparência de um telefone e é utilizado para trabalhar a consciência fonológica e atividades diversificadas.
[6] Observou-se que o que mais se manifestou foi o Transtorno do Espectro Autista.

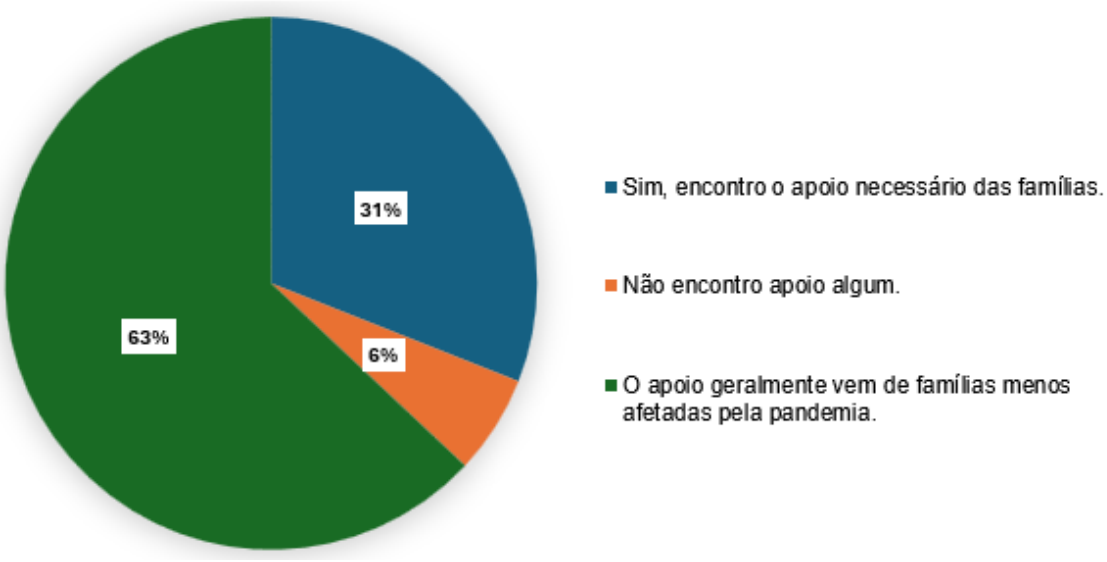
visível. A maioria dos professores relatou que são muitos alunos atípicos em uma mesma sala.

Em uma turma de escola estadual, contendo 30 alunos, 6 são atípicos e não possuíam nenhum professor de apoio. Nesta escola, foi relatada a falta dos profissionais de apoio. Na rede municipal, quase todas as salas possuíam esses professores. Ao questionar sobre professores de apoio para uma docente da referida rede, ela respondeu com o seguinte dizer: “Todo ano tem professora de apoio na minha sala, às vezes mais atrapalha do que ajuda. Muitas não fazem nada e me dão um trabalho a mais”. Ainda que a docente defenda esse pensamento, sabemos o quanto o professor de apoio é necessário dentro da sala de aula. Para Mendonça, Santos e Neto (2019, p.122) “é importante e indispensável que os dois trabalhem juntos na construção do aprendizado do aluno com deficiência.” Para que seja uma prática efetiva, é necessário cooperação entre professores regentes e professores de apoio.

Sabemos que a família possui um papel fundamental para o processo de aprendizagem do aluno. De acordo com Santos (2015) quando se encontra a parceria da família, alcança-se uma maior oportunidade de sucesso para o educando e quando esse apoio não é encontrado, maiores são as chances de que a aprendizagem seja prejudicada. Ao se deparar com alunos em defasagens pedagógicas, espera-se que o trabalho família/escola seja realizado. Todavia, não é sempre que isso acontece. Essa análise foi promovida a partir do questionamento: **“Você tem encontrado apoio por parte da família para combater as defasagens causadas pela pandemia?”**, tendo como resposta dos docentes:

e-ISSN: 2177-8183

Gráfico 2 - O suporte familiar em casos de defasagem na aprendizagem



Fonte: elaborado pelos autores

Tal resultado confirma os pensamentos de Santos (2015) uma vez que na prática, os professores frequentemente encontram o apoio da família de alunos que apresentam bons rendimentos escolares. Em contrapartida, em casos que mais necessitam desse suporte, dificilmente é encontrado, o que apresenta mais um desafio para a prática docente, visto que os professores que encontram o auxílio da família conseguem realizar uma prática mais assertiva.

A pesquisa também teve como objetivo conhecer o ponto de vista dos professores em relação à porcentagem de defasagem na aprendizagem dos alunos. Para isso, foi realizada a seguinte pergunta: **"Em relação à porcentagem, quanto você considera que exista de defasagem?"** Quatro professores disseram que 50%, três disseram que 30%, duas consideram que foi 40%, uma considerou 60%, uma disse que 90% e outra considera que foi 80%.

Os professores que lecionam no 4° e 5° anos foram os que responderam com uma porcentagem maior, ao passo em que os professores do 1° ano responderam com as menores porcentagens. Ao questionar sobre o quanto a pandemia contribuiu para as defasagens, uma professora do 1° ano da rede estadual desenvolveu a seguinte ideia: “Não acho que tudo seja culpa da pandemia, hoje tudo o estado quer colocara culpa na pandemia, mas o que traz os maiores problemas são as salas superlotadas, a falta de professor de apoio e falta de recursos e isso não é culpa da pandemia, é do Estado”.

A quantidade de alunos por sala também foi analisada. No 1° ano da rede privada, encontramos apenas seis alunos, o que permitia que a professora regente conseguisse acompanhar de perto o desenvolvimento do estudante, atender a todas as dúvidas e prestar o devido suporte. Na rede municipal, a mesma série possui quinze alunos, não têm superlotação na sala de aula. Já na rede estadual, encontramos um cenário com trinta alunos, o que causa uma superlotação para se locomover dentro das salas e a docente encontra dificuldades em oferecer suporte a todos os alunos.

De acordo com a professora regente, da rede estadual, o elevado número de alunos prejudica o processo de alfabetização. Defendemos, seguindo a mesma linha de pensamento de Santana, Rocha e Montalvão (2019), que as consequências da superlotação das salas de aula não refletem apenas na dificuldade no processo de alfabetização dos alunos, ela também traz para os professores desgastes físicos e psicológicos.

No período de pós-pandemia que estamos vivenciando, podemos observar na sociedade inúmeras mudanças, principalmente no modo de pensar a educação. Com as transformações que ocorrem no meio social e consequentemente refletem no meio educacional, compreendemos que o docente deve buscar constantemente estratégias e metodologias para atender as especificidades de sua turma. Nessa perspectiva, durante a entrevista, realizou o questionamento aos docentes: **“As metodologias que você tem utilizado no processo de alfabetização são as mesmas utilizadas**

antes do período pandêmico? Se não, o que mudou?" Cinco responderam que sim, as metodologias ainda são as mesmas; quatro responderam que não, atualmente utilizam mais a tecnologia, os demais falaram que utilizam mais jogos pedagógicos, ludicidade e fazem grupos por níveis de aprendizagem para sanar as defasagens.

Dito isso, faz-se necessário um olhar mais humanizado para os docentes, independentemente das realidades encontradas. É indispensável permitir que os professores encontrem um espaço para também relatar suas experiências dificilmente vistas. Deste modo, na entrevista, abordamos a reflexão: **"Quais são as maiores preocupações, desafios e dificuldades que você tem encontrado atualmente?"** Predominantemente, foi relatada a falta de apoio e de interesse por parte da família e o desinteresse dos próprios alunos. Também apresentaram as seguintes situações: as salas superlotadas, a enorme diferença no nível de aprendizagem, o desafio de não atender toda a demanda dos alunos que não são alfabetizados e não acompanham o ritmo da turma, a burocracia e a sobrecarga de trabalho.

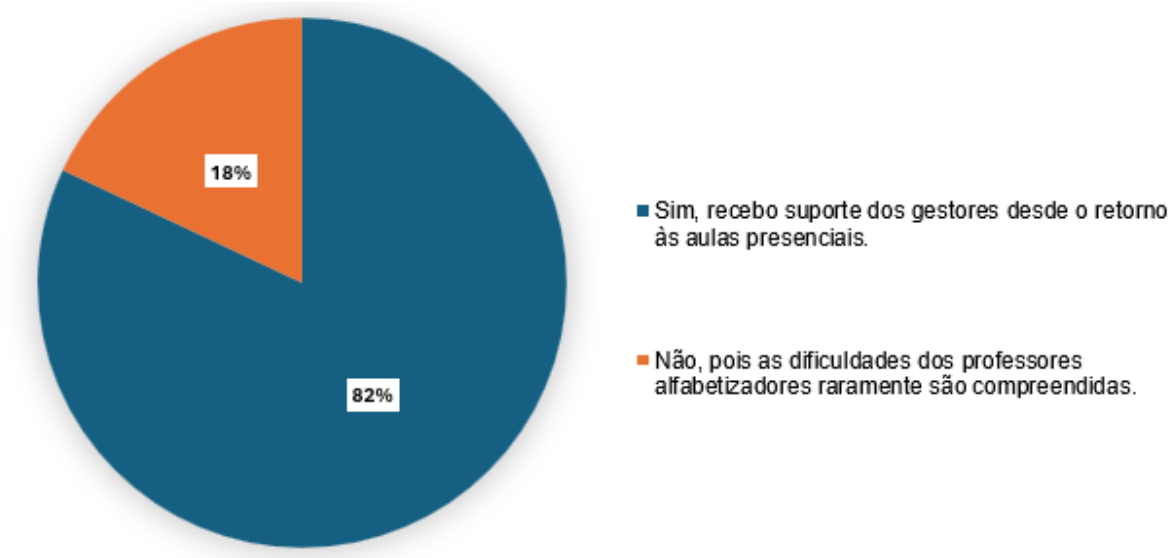
A sobrecarga de trabalho foi algo exponencialmente relatado durante as observações. Inúmeros profissionais se mostraram cansados e desgastados pela quantidade de trabalhos que precisam levar para fora da escola, privando-se, muitas vezes, do descanso, o que, em algumas situações, acaba afetando até mesmo a saúde física dos professores. A ABALF (2020) apresentou durante a pandemia o aumento da sobrecarga de trabalho, em que os professores precisaram conciliar a vida pessoal com o aumento da carga horária. Entretanto, essa realidade ainda é encontrada.

Os docentes não devem ser os únicos responsáveis por combater as defasagens, sejam elas causadas pela pandemia ou não. É fundamental que os órgãos responsáveis ofereçam medidas para combater o atraso na aprendizagem do aluno. Ao questionar aos professores sobre qual suporte tem sido ofertado pela rede de ensino em que leciona para combater as defasagens causadas pela pandemia, doze entrevistadas responderam que são aulas de reforço escolar e os demais responderam formação continuada.

e-ISSN: 2177-8183

A gestão escolar também possui um papel importante em prestar suporte aos professores, começando por compreender os desafios desses profissionais. A fim de conhecer como tem sido a relação da gestão com os professores, reiteramos o diálogo sobre a relação da gestão com o cotidiano docente, obtendo as respostas majoritariamente relacionadas ao fato de o docente conseguir encontrar suporte.

Gráfico 3 - A relação da gestão escolar com professores alfabetizadores



Fonte: elaborado pelos autores

Felizmente, a maioria respondeu que encontra esse apoio por parte da gestão, não apenas os professores alfabetizadores, mas, também, todos que lecionam em diferentes instituições.

e-ISSN: 2177-8183

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 impactou, de modo geral, o contexto educacional. Seus reflexos puderam ser observados em diversos cenários, sendo necessárias inúmeras modificações no modo de se pensar e colocar em prática a educação. Esse período foi marcado por desafios e obstáculos a serem superados por toda comunidade escolar.

Com ênfase na prática docente, foram observados desafios durante o ensino remoto e no retorno das aulas presenciais, seja em decorrência do período pandêmico, seja por outras circunstâncias não compreendidas nessa pesquisa. Atualmente, ainda se encontram inúmeras situações que afligem os professores. Sendo assim, é de suma importância conhecer quais são as dificuldades por eles encontradas, principalmente no contexto da alfabetização.

A pesquisa apresentou que, em diversos contextos, grande parte das defasagens ocasionadas pela pandemia já foram sanadas e em outras o reflexo ainda é encontrado. Todavia, não podemos definir todos os obstáculos resumindo-se na existência da pandemia. A escola da rede estadual, por exemplo, é a instituição em que mais apresentou defasagem na aprendizagem dos alunos e onde os docentes encontram mais desafios. No entanto, é a rede de ensino que possui as maiores superlotações das salas de aula, menos professores de apoio e números reduzidos de formação continuada. Todos esses fatores refletem, de modo negativo, na vivência docente e na aprendizagem.

Por fim, faz-se urgente elaborar medidas para que os alunos tenham a possibilidade de uma aprendizagem de qualidade. Entretanto, com os inúmeros desafios apresentados durante toda a pesquisa, também, é fundamental se ter um olhar sensibilizado aos desafios docentes. É essencial que as suas dificuldades sejam vistas e validadas, uma vez que isso refletirá não apenas na prática docente, como também no processo de aprendizagem dos educandos.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF). **Alfabetização em rede:** uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19-relatório técnico parcial. Revista Brasileira de Alfabetização. 2020;(13):185-201

BNCC - **Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental. Acesso em 29 mai. 2023

CORDEIRO, K. M. de A. **O Impacto da Pandemia na Educação:** A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. Faculdades Idaam, Manaus, p. 1-15, 13 ago. 2020. Disponível em: https://dspace.sws.net.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%c3%87%c3%83O%20A%20UTILIZA%c3%87%c3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf. Acesso em 16 jun 2023.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FREITAS, A. C. S.; ALMEIDA, N. R. O. de; Fontenele, I.S. **Fazer docente em tempos de ensino remoto.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6068/5697. Acesso em: 26 jun. 2023.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Atlas.

HODGES, C. et al. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning** | EDUCAUSE, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 25set. 2025.

MAINARDES, J. **Alfabetização em tempos de pandemia.** VW Editora, 2021, p. 57-65. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jefferson-Mainardes/publication/354173008_Alfabetizacao_em_tempos_de_pandemia/links/612975e538818c2eaf649e09/Alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023

MARTINELLI, S. de C.; MUELLE-ZðÑIGA, N.; ALVES, L. J. **Ambiente de aprendizagem em sala de aula e Desempenho escolar.** Revista Electrónica Educare, [S.L.], v. 26, n.3, p. 110-126, 9 jul. 2022. Universidad Nacional de Costa Rica. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-42582022000300110&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 26 set. 2023.

MENDONÇA, A. A. dos S.; GONÇALVES, Neto, W.G**. Educação inclusiva: a atuação do professor de apoio.** Poíesis Pedagógica, [s. l], p. 111-125, 14 dez. 2019. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/57909-Texto%20do%20artigo-288505-1-10-20200724%20(2).pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

MONTENEGRO, R. M. B.; MATOS, E. O. da F.; LIMA, M. S. L. **Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v.2, n.3,p. 1-10, 2021.Disponível em:https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6476. Acesso em: 23 jun. 2023.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro. RJ, Zahar, 1964.

PNAIC - Ministério da Educação. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36271. Acesso em 29 mai.2023

SANTANA, J. de C.; ROCHA, L. de A.; MONTALVÃO, K. **Dificuldades no processo de alfabetização: experiências e desafios de professores em uma escola municipal da cidade de Guanambi-BA.** Seminário Gepráxis, Bahia, p. 2934-2944, maio 2019. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/229303761.pdf. Acesso em: 27 set. 2023.

SANTOS, K. A. dos. **A importância da participação da família na escola.** Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília, [s. l],p. 10-41, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/11975 . Acesso em: 27 set. 2023.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, [S.L.], n. 25, p. 5-17, abr. 2004. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt#. Acesso em: 29 mai. 2023

Submetido em janeiro 2025
Avaliado em dezembro 2025
Publicado em abril 2026